

IMORTALIDADE OU RESSURREIÇÃO: UMA ABORDAGEM BÍBLICA SOBRE A NATUREZA HUMANA E O DESTINO ETERNO

Natan Fernandes Silva¹

BACCHIOCCHI, Samuele. **Imortalidade ou Ressurreição: Uma Abordagem Bíblica Sobre a Natureza Humana e o Destino Eterno**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007

Samuele Bacchiocchi, teólogo adventista italiano, radicado nos Estados Unidos, graduou-se em Teologia, no Newbold College, na Inglaterra, fez um Mestrado em Divindade na Andrews University, Michigan, EUA. Ele foi o primeiro não católico a concluir estudos doutorais na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, em 425 anos de existência daquela instituição, recebendo, inclusive, uma medalha de ouro do Papa Paulo VI, por obter a distinção acadêmica *summa cum laude*. Serviu como missionário na Etiópia e atuou como Professor na Andrews University, até 2000. Dedicou-se a realizar seminários e a escrever livros sobre alguns assuntos controversos, tanto no seio do adventismo como do cristianismo em geral.

O livro **Imortalidade ou Ressurreição**, que é um dos seus livros controvertidos, é composto, formalmente, por uma Introdução e sete Capítulos. A edição brasileira traz dois Prefácios: um, de autoria de Amin Rodor, teólogo sistemático brasileiro, e outro, de Clark Pinnock, erudito canadense.

Na “Introdução” (p. 1-6), Bacchiocchi alista duas razões principais pelas quais escreveu o livro: (1) é que, mesmo sob

1 Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidad Adventista del Plata, professor de Teologia Sistemática e História Eclesiástica no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Bahia

ataque dos eruditos bíblicos, “a crença na existência consciente após a morte está adquirindo maior aceitação popular” (p. 2); e (2) como os estudos eruditos na área são técnicos e limitados, ele pretende apresentar uma relação entre os estudos técnicos e a linguagem compreensível ao homem comum. Também ele fala do procedimento a ser usado, do método e do estilo, além de fazer referência ao prefaciador (Clark Pinnock), os reconhecimentos e a própria expectativa a ser alcançada pelo livro.

No capítulo 1, intitulado “O debate sobre a natureza e o destino humanos” (p. 7-25), Bacchiocchi apresenta os dois principais pontos de vista sobre a natureza e destino humano: (1) dualismo clássico e holismo bíblico, indicando que aquele pensamento está vivendo sob ataque, o que tem trazido preocupação aos defensores da visão que separa corpo e alma. Nas p. 16-23, o Autor mostra as implicações tanto do dualismo quanto do holismo e suas consequências para questões bíblicas de grande importância como, por exemplo, a parousia.

166

“O ponto de vista bíblico da natureza humana” (p. 27-68) é o título do capítulo 2. Nele, Bacchiocchi desenvolve a argumentação apresentando a natureza humana desde a criação, com cada elemento que compõe o ser humano, explorando, inclusive, de forma bastante didática, a terminologia técnica da principal língua original do Antigo Testamento, o hebraico. Ele trabalha termos como “corpo”, “carne”, “coração” e “espírito” e os sustenta com várias passagens bíblicas.

O capítulo 3 chama-se “A visão da natureza do homem no Novo Testamento” (p. 69-111). Nesta parte, o Autor explora, principalmente os termos gregos que vêm com uma carga de significados diferente do seu conteúdo semítico, como sejam: “alma”, “espírito” e “corpo”, mostrando que, especialmente, as duas primeiras palavras não representam entidades imateriais que sobrevivem à morte do último (“corpo”).

Em “A visão bíblica da morte”, capítulo 4 (p. 113-144), Bacchiocchi passa “em revista um histórico da crença na sobrevivência da alma” e examina “o entendimento bíblico da natureza da morte” (p. 114). Ele toma as Escrituras com o propósito de analisar passagens bíblicas que geralmente têm sido exploradas para defender a imortalidade natural. Das p. 124

a 141, o Autor discute sobre a natureza da morte, servindo-se de textos bíblicos, concluindo que “a crença tradicional e popular de que a morte não é a cessação da vida para a pessoa integral, mas a separação da alma imortal do corpo, pode ser identificada com a mentira de Satanás ‘É certo que não morrereis’ (Gn 3:4)” (p. 140).

No capítulo 5, “O estado dos mortos” (p. 145-184), o teólogo apresenta o que dizem o Antigo e o Novo Testamento sobre o tema. Ele discute a questão de traduções de termos originais e seus significados, como *sheol* (hebraico) e *hades* (grego), bem como os episódios mais explorados pelos que acreditam no dualismo corpo-alma, apontando uma interpretação de cada passagem, conforme seu contexto cultural.

Sob o título “Inferno: tormento eterno ou aniquilamento?” (capítulo 6, p. 185-241), o Autor questiona qual o significado mais apropriado se deve ao termo “inferno”, oferecendo algumas alternativas e uma análise que levam a um posicionamento que não venha conflitar com a visão holística do ser humano: (1) “uma visão *metafórica*, que considera o inferno como m lugar onde o sofrimento é mais mental do que físico”; (2) “ponto de vista *universalista* do inferno, que o transforma num fogo expurgador e refinador que, por fim, possibilita que toda pessoa consiga chegar ao Céu”; e (3) “a interpretação do *aniquilamento* em relação ao inferno, um lugar de dissolução final e destruição de perdidos. Alguns intitulam este ponto de vista de imortalidade *condicional*” (p. 187). Ao analisar cada uma delas, Bacchiocchi conclui que: (1) tentar tornar o inferno mais humano, metaforizando-o, mantém ainda a visão de um Deus que tortura os malfeitores infundavelmente, o que sustenta elementos da visão tradicional do inferno (p. 213); (2) a questão universalista, em que Deus salvará a todos, “embora atraente à primeira vista”, toma um caminho contrário ao ensino geral das Escrituras e passa a não considerar que, embora Deus queira salvar a todos, nem todos aceitam a salvação oferecida (p. 215 e 216). Portanto, resta a terceira opção, o aniquilacionismo, que, embora contrário à maioria, tem tido fortes razões bíblicas que o sustentem. Das p. 221 a 232, o escritor apresenta “a linguagem de destruição na Bíblia”, mostrando que destruir não é sinônimo de atormentar e torturar.

O capítulo final, o 7º. (p. 243-294), “A consumação da redenção”, fala da segunda vinda de Cristo como o evento que encerra toda questão que envolve o bem e o mal, onde a ressurreição e o juízo final resolverão todo o assunto sobre salvos e perdidos. Aqueles desfrutarão da vida eterna, enquanto esses serão destruídos, aniquilados para sempre.

Bacchiocchi conclui seu livro com um apelo para que se atente de que há “necessidade de recuperar o holismo bíblico” (p. 292).

Há uma característica didática extremamente positiva no livro de Bacchiocchi: cada capítulo apresenta uma conclusão em forma de resumo, facilitando ao leitor uma espécie de revisão do assunto. Além disso, uma representativa bibliografia apoia o conteúdo de cada capítulo, muito embora se perceba que a base mesma do texto seja bíblica.

Algumas declarações chamam a atenção e merecem ser apresentadas, entre várias, como, por exemplo:

168

“A morte é vista no Antigo Testamento como o esvaziamento da alma de toda a sua vitalidade e força” (p. 44). “Concluimos que a partida da alma é uma metáfora para a morte muito provavelmente associada à interrupção do processo de respiração” (p. 46). “Semelhantermente, o retorno da alma é uma metáfora para a restauração da vida, indicando que a pessoa começou a respirar novamente” (p. 65). “É digno de nota que Paulo nunca emprega *psychê*-alma para denotar a vida que sobrevive à morte” (p. 79). “[...] a imortalidade é um dom divino aos salvos e não uma possessão humana natural” (p. 140).

Comentando sobre Malaquias 4:1, Bacchiocchi escreve: “Aqui a imagem do fogo que tudo consome e que não deixa ‘nem raiz, nem ramos’ sugere combustão integral e destruição, não tormento eterno” (p. 192).

Respondendo possivelmente àqueles que argumentam sobre o fato de que boa parte dos judeus atualmente crê na imortalidade da alma, o teólogo esclarece: “O judaísmo palestino via a morte como um sono inconsciente da pessoa inteira e destacava a necessidade da ressurreição final do corpo. [...] A segunda escola de pensamento é o judaísmo helenístico, grandemente influenciado pelo dualismo grego. [...] Nos

escritos dos judeus helenistas encontramos claras referências à sobrevivência e imortalidade da alma” (p. 69-70).

Considerando como um todo, o trabalho de Samuele Bacchiocchi é inteiramente consistente com seu pensamento geral sobre a natureza humana. Partindo desde a própria origem do ser humano na criação como descrita em Gênesis 2:7, ele desenvolve toda a sua argumentação na ideia de que o homem não recebeu nenhum elemento que trouxesse característica de uma entidade imortal, invisível, que tenha capacidade de sobreviver à morte do corpo. E, como disse Amin Rodor, no Prefácio em português:

Tal obra representa enorme contribuição para a clarificação do assunto. Discutido com sólida argumentação bíblica e precisão lógica, o autor desacredita a noção da imortalidade, que historicamente representou um considerável fardo dogmático na consciência da igreja cristã e um obstáculo à compreensão do evangelho. Além disto, a ideia da imortalidade, por séculos, foi um elemento inibidor da escatologia bíblica, minando, por exemplo, a fé no segundo advento e na ressurreição, além de se tornar uma porta aberta para os enganos associados a ela (p. v).

A leitura deste livro me ajudou a compreender mais ainda alguns elementos bíblicos sobre a natureza humana e solidificou a compreensão de que se o homem tem a imortalidade inerentemente ele não necessita de Deus para continuar existindo, de maneira imortal. Quando se considera a questão da imortalidade condicional, reconhece-se que imortalidade somente pode ser atributo dAquele que vive para todo o sempre e que isso só pode acontecer também àquele a quem Ele quiser concedê-la, através de Jesus Cristo (Jo 3:16).